

# Feminicídio terá aumento expressivo se STF revogar decisão de Rosa Weber sobre armas, analisam especialistas

(O Globo | 13/04/2021 | Pâmela Dias)

Em decisão individual, a ministra do Supremo Tribunal Federal (STF) [Rosa Weber suspendeu trechos dos decretos](#) editados pelo presidente Jair Bolsonaro que facilitam a compra e o porte de armas e entrariam em vigor nesta terça-feira (13). A expectativa agora é que, a partir de sexta (16), o STF analise a decisão de Weber, podendo referendá-la ou revogá-la. Caso os decretos sejam mantidos na íntegra, especialistas afirmam que o Brasil verá um [aumento expressivo da violência contra a mulher](#). Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 51,6% dos feminicídios são cometidos com o uso de arma de fogo.

Sandra Ornellas, delegada e diretora do Departamento-Geral de Polícia de Atendimento à Mulher (DGPAM) do Rio de Janeiro, afirma que a ação da ministra do STF foi de “extrema importância para a redução do índice de violência”.

— O trecho do decreto que amplia a possibilidade de um colecionador de armas comprar mais que o inicialmente permitido é muito perigoso, pois, caso seja furtado, ele não terá nenhuma responsabilidade sobre o uso desses armamentos por terceiros — diz a delegada, para quem permitir que mais pessoas tenham armas em casa aumenta o sentimento de poder do homem perante a mulher, incitando ainda mais a violência doméstica.

[\*\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*\*](#)

---

# **Novo crime de stalking - perseguição anterior, lesão à saúde e risco de morte, por Valéria Scarance**

**(Meu site jurídico | 09/04/2021 | Valéria Scarance)**

Ao redor do mundo e também no Brasil mulheres sofrem perseguição de parceiros e ex-parceiros. Em regra, essa conduta ocorre no momento do término do relacionamento, ou em razão da rejeição de uma proposta amorosa.

Embora mulheres e homens possam sofrer perseguição, a maior incidência do crime envolve vítimas mulheres.

[Pesquisa](#) realizada pelo National Violence Against Women (NVAW) com 8.000 mulheres e 8.000 homens americanos encontrou que 1% das mulheres e 0,4% dos homens haviam sofrido essa perseguição no último ano. Dentre as vítimas mulheres, 62% dos perseguidores eram parceiros ou ex-parceiros e 43% das condutas ocorreram após o término do relacionamento.

Stalking pressupõe uma conduta reiterada (no mínimo, 2 atos), não consentida pela vítima e apta a causar medo ou constrangimento. Esse crime “inclui repetidas condutas (duas ou mais) de física ou visual aproximação, comunicação não consensual, verbal, escrita, ou por meio de ameaças que podem causar medo em uma pessoa razoável” (Tijaden & Thoennes, 1998).

No nosso país, a conduta foi tipificada em 31 de março de 2021, como “perseguição” e pressupõe uma conduta reiterada que provoque medo na vítima (ameaça à integridade física ou psicológica) ou atinja sua capacidade de locomoção, liberdade ou privacidade (art. 147 -A CP). A pena de 06 meses

a 2 anos reclusão é aumentada de metade se a vítima for criança, adolescente, pessoa idosa, mulher em razão da condição do sexo feminino, pelo concurso de pessoas ou emprego de arma (art. 147-A, par. 1º, CP).

### **Valéria Scarance**

Coordenadora do Núcleo de Gênero MPSP - Mestre e Doutora em Processo Penal - Especializada em Vitimologia pela IUC- Dubrovnik - Professora da PUC-SP, autora de artigos e livros

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

# **A diferença entre dados sobre feminicídio e homicídio de mulheres**

**(Exame| 08/04/2021 | Marcelo Marchesini da Costa (Insper), Allyne Andrade e Silva (Insper) e Matthew Ingram (University at Albany) )**

A Lei 13.104 institui, em 2015, o crime de feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio quando o ato ocorrer contra a mulher em razão de sua condição de sexo feminino: quando o crime envolve violência doméstica, menosprezo ou discriminação à condição de mulher. A referida lei surge de um esforço para valorizar a vida, ampliando as políticas de proteção à mulher. No entanto, passados quase seis anos, há dificuldades para avaliar o seu resultado.

A maior limitação está em localizar dados sobre a tipificação de crimes como feminicídio. Os dados mais específicos à disposição são do Conselho Nacional do Ministério Público, compilados na base [\*Cadastro de Feminicídio\*](#). Ocorre que, se considerarmos os crimes classificados como feminicídio entre 2016 e 2019, há somente 102 registros.

O uso de dados sobre feminicídio desde o ano seguinte à aprovação da lei até 2019 nos permite comparar essa informação com registros disponíveis no Sistema de [Informações sobre Mortalidade](#) do Ministério da Saúde. Utilizando-se as categorias CID usualmente adotadas para registro de homicídios, constatam-se 16.826 registros de mortes violentas de mulheres no mesmo período. Ou seja, há um enorme descompasso entre as mortes violentas de mulheres e o registro de feminicídio nesse período. As figuras abaixo ilustram essa diferença.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

## **Eliane de Grammont: A cantora morta no palco pelo ex-marido, o ‘rei do bolero’**

**(O Globo | 30/03/2021 | Por William Helal Filho)**

Eliane de Grammont tinha 26 anos, era mãe de uma menina de 1 ano e 8 meses e tentava retomar a carreira de cantora de MPB após terminar um relacionamento abusivo. Ela vinha fazendo shows na boate Belle Époque, em São Paulo, ao lado do músico Carlos Randall, que a acompanhava tocando o violão. Na madrugada de 30 de março de 1981, há 40 anos, durante uma apresentação na casa noturna, ela cantava uma versão do clássico “João e Maria”, de Chico Buarque, quando seu ex-marido entrou no salão descarregando um revólver calibre 38.

A paulistana conheceu Lindomar Castilho em 1977, nos corredores da gravadora RCA, no Rio. Chamado de Rei do Bolero, autor de sucessos como “Você é doida demais” e “Eu amo a sua mãe”, o cantor nascido em Santa Helena, no interior de Goiás, foi um dos maiores vendedores de discos do Brasil naquela década. Ele e ela se apaixonaram e, quando se casaram, em

1978, Eliane já tinha seis meses de gravidez. Descrito como homem agressivo e muito ciumento, cerca de 15 anos mais velho, Lindomar logo exigiu que a mulher abandonasse a carreira, e, por um período, a artista ficou longe da música. Mas a violência e o alcoolismo do marido tornaram a relação insustentável e, após um ano de união, ela pediu o divórcio.

A mulher não demorou a procurar os palcos e foi convidada a se apresentar na Belle Époque. Eliane cantava Chico, Elis Regina e outras vozes da MPB, além de músicas escritas por sua mãe. Meses após a separação, naquela madrugada de segunda-feira, Eliane cantava os versos “Agora era fatal/Que o faz-de-conta terminasse assim”, de “João e Maria”, quando Lindomar entrou e começou a atirar. Na delegacia, o dono da boate, William Schmidt, disse que o artista efetuou pelo menos cinco disparos. Sem chance de se proteger, Eliane foi baleada no peito, enquanto Randall, mesmo ferido por um tiro, atracou-se com o assassino e teve ajuda de Schmidt para amarrá-lo. A cantora foi socorrida, mas morreu a caminho do hospital.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

## **O que fazer para impedir a morte de mulheres com medidas protetivas? Especialistas em Direito opinam**

**(O Globo| 29/03/2021 | Por Laura Suprani)**

Entre os mecanismos previstos pela [Lei Maria da Penha](#) para a proteção de mulheres vítimas de violência doméstica e de gênero estão as medidas protetivas de urgência. De acordo com a legislação, [após uma denúncia](#), a Justiça poderá determinar o afastamento do agressor de casa e a restrição do

contato com a mulher agredida e seus familiares. O descumprimento dessas medidas é crime e pode levar à prisão. Mas não são poucos os casos de mulheres assassinadas por seus ex-companheiros, apesar de terem medidas protetivas. Por que isso acontece?

Em todo o país, os números de agressões contra a mulher cresceram durante a pandemia. Os canais de atendimento mantidos pela Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, Ligue 180 e Disque 100, receberam uma denúncia a cada cinco minutos em 2020. A 14ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostra um aumento de 1,9% dos feminicídios no primeiro semestre de 2020, em comparação com o mesmo período de 2019. O Conselho Nacional de Justiça divulgou que 403 mil mulheres pediram algum tipo de proteção contra os seus ex-companheiros em 2020. Entre os motivos para os pedidos de medidas protetivas estavam agressões físicas, verbais e tentativas de feminicídio.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

# **Noticiário sobre violência contra a mulher revela machismo ‘duradouro’ da imprensa**

**(Brasil de Fato| 28/03/2021 | Por Clara Assunção)**

Ainda hoje, a jornalista e escritora Vanessa Rodrigues se incomoda com a forma que o [assassinato da auxiliar de serviços hospitalares, Claudia Silva Ferreira](#), 38 anos, foi noticiado pela mídia. Atingida por um tiro durante uma operação da Polícia Militar em Madureira, zona norte do Rio de Janeiro, Claudia foi jogada no camburão da PM, que a levaria para atendimento médico.

Porém, no trajeto até o hospital, a porta traseira do veículo se abriu e seu corpo tombou para fora do carro, ficando preso por uma parte de sua roupa no para-choque. O que fez com que [ela fosse arrastada no asfalto](#) da Estrada Intendente Magalhães por 350 metros.

Vítima da violência policial, a auxiliar, mãe de quatro filhos, mulher negra e periférica, até hoje, no entanto, - sete anos após o crime brutal completados neste mês de março -, tem toda a história da violência que sofreu reduzida nas manchetes da mídia “grande” como [“morte de mulher arrastada”](#). Sem qualquer aprofundamento e dimensão da violência de gênero que está por trás dele.

O fato de Cláudia assim ter se tornado conhecida e nomeada “é muito emblemático sobre a maneira como essa narrativa jornalística foi misógina”, segundo Vanessa. “Um não sujeito, alguém que não tinha nome. Sempre me lembro da história dessa [mulher assassinada de um jeito tão brutal](#) e tão indigno, de ter tido o seu corpo arrastado na rua. Quer dizer, tratado como nada. E ter sido conhecida e famosa como ‘Cláudia, a mulher arrastada’, ou só ‘a mulher arrastada’”, lamenta.

[\*\*\*Accesse a matéria completa no site de origem.\*\*\*](#)

---

## **Mulheres se unem em ato nacional contra o feminicídio e gritam: “Nem pense em me matar”**

Em evento online, Levante Feminista Contra o Feminicídio lança oficialmente campanha “Nem Pense em Me Matar - Quem mata uma mulher mata a humanidade!”.

*“Vivemos, sobretudo, a pandemia da violência, do feminicídio íntimo e político. É a luta feminista e antirracista que colocará fim a esse governo de morte, que não previne a violência e não protege as mulheres. Sem proteção à vida das mulheres não há direitos humanos.”*

Com a fala acima, a socióloga Vilma Reis, referência dos movimentos negros no país, integrante da Coletiva Mahin e Coalizão Negra Por Direitos, abriu a live giratória de lançamento da campanha do Levante Feminista Contra o Feminicídio, na manhã de quinta-feira (25). Em duas horas e meia, ao vivo, mais [de 12 mil pessoas acompanharam a live no perfil oficial do Facebook do Levante](#) e outras milhares em cerca de 70 canais pelo Brasil, que transmitiram o evento nas redes sociais.

[A leitura do Manifesto, que norteia a campanha #NemPenseEmMeMatar.](#) emocionou a audiência. Transformado em vídeo, intitulado “Chega de Feminicídio”, foi gravado por militantes das cinco regiões do país. Elas leram em casa, na lavoura, na rua ou no jardim trechos do documento, que já conquistou 29 mil assinaturas.

A criação e direção são de Luciana Sérvulo da Cunha, a música original é de André Abujamra, artes, de Marta Moura, edição e finalização de Eduarda Milena. O texto é um grito de advertência ao Legislativo, Executivo e Judiciário, para que sejam tomadas medidas que interrompam o assassinato de mulheres no país.

Composto por Cris Pereira, interpretado por Fabiana Cozza e por feministas, o samba inédito “Corpo Meu” foi exibido pela primeira vez na live e está disponível [em todas as redes sociais do Levante](#). Nasceu dessa canção, a mensagem afirmativa do movimento nacional. A letra diz:

*“Houve um dia, que eu até sentia medo*

*Que você chegasse cedo*

*Pro meu corpo machucar.*



*Mas eu virei o tabuleiro*

*Este jogo, companheiro,*

*Eu não vou mais aceitar.*

*Nem Pense Em Me Matar”*

Entre as participações que chamaram a atenção na live estão Célia Xakriabá, educadora, referência do povo indígena Xakriabá; Carol Santos, do Movimento Feminista Inclusivas; as deputadas federais Maria do Rosário (PT/RS) e Jandira Feghali (PCdoB/RJ), Benedita da Silva (PT/RJ), a vereadora Monica Benicio (PSOL/RJ), além das ativistas latino-americanas Verônica Gago, representante do Ni Uma Menos, da Argentina, e de Sofia Garzon Valencia, do Processo de Comunidades Negras (PCN), da Colômbia.

A campanha - que ferve nas redes sociais e conta com centenas de coletivos, organizações e movimentos em 23 estados - tem um funcionamento fluido e horizontal. O Levante pretende estendê-la por dois anos, com monitoramento de casos, pressão e sensibilização da sociedade para, assim, breçar a violência contra as mulheres. Após o lançamento, haverá ações pontuais e localizadas, que serão desenvolvidas com base na realidade específica do feminicídio nas cidades e regiões. Para isso, foram criados materiais de comunicação com girassóis amarelos, símbolo do Levante, que figuram como sinal de esperança e celebração da vida. Mas as regiões têm autonomia para adotar a própria linguagem.

### ***Declarações que marcaram a live giratória do Levante:***

**Márcia Tiburi**, escritora e filósofa: “Campanha construída com muito amor e necessidade profunda de defendermos umas às outras, neste cenário de fascismo que é uma estrutura machista e racista”.

**Vilma Reis**, socióloga, membro da Coalizão Negra Por Direitos: “Na próxima eleição, Taliria Petrone vai poder sair para votar. Marcia Tiburi, Débora Diniz e Jean Wyllys estarão aqui para votar. Nós abraçamos vocês, sabemos que o

exílio é duro. Esse Levante Feminista é para todas que tiveram que sair do Brasil, é para Marielle, que esparramou esperança pelo mundo.”

**Tânia Palma**, assistente social e membro do GFem, da UFBA: “As mulheres religiosas, do campo, da favela, estão praticando a desobediência. Nós queremos afirmar nesse feminismo, que somos intolerantes à política genocida instaurada no país. Inauguramos um novo tempo, dizendo a todas as nossas irmãs, feministas ou não, que, para acabar com o genocídio e com essa política de morte no Brasil, é preciso deixar a vaidade de lado e caminhar juntas.

**Deborah Duprat**, ex-subprocuradora-geral da República, ex-procuradora Federal dos Direitos do Cidadão: “É preciso enfrentar essa chaga, o patriarcado, o projeto colonial. Juntas venceremos”

**Célia Xakriabá**, educadora, ativista referência do povo Xakriabá: “O que é a formação da sociedade brasileira sem o estupro das mulheres negras e indígenas? Os homens brancos, colonizadores, mataram as nossas ancestrais.”

**Maria do Rosário**, deputada federal (PT/RS): “As políticas públicas estão sendo destruídas. É preciso preservar as leis que temos - a Lei Maria da Penha, a do Femicídio. Não alterar, mas fazer cumprir. É um chamado ao Brasil inteiro para uma grande unidade contra o Femicídio.”

**Sofia Garzon Valencia**, Organização PCN, da Colômbia: “Vamos nos juntar, e entre todas cuidar de nossas vidas contra o racismo, machismo e patriarcado que negam nossas vidas”.

**Veronica Gago**, Ni Una Menos, da Argentina: “Estamos juntas para difundir, apoiar e fazer parte da campanha. É fundamental denunciar o aumento dos feminicídios no Brasil, e o aumento das violências racistas, machistas, classistas e em geral”.

**Télia Negrão** - Rede de Saúde das Mulheres Latino Americanas e do Caribe: “Femicídio é um tema que deve ser tratado numa perspectiva de Estado. É preciso que o Estado brasileiro adote decisão de enfrentamento ao feminicídio no nosso país, que as leis sejam cumpridas e as políticas públicas

sejam implementas”.

**Mônica Benício**, viúva de Marielle Franco e vereadora do PSOLI/RJ: “É inconcebível que só agora, em 2021, a tese de legítima defesa da honra, que visa desqualificar a vítima do crime de feminicídio, tenha sido declarada inconstitucional. É inadmissível continuarmos sendo mortas por sermos mulheres”.

**Jandira Feghali**, médica e deputada federal do PCdoB/RJ: “Participar do Levante Feminista é uma necessidade, temos lutado contra o inimigo invisível e os visíveis que são os agressores que têm tirado a vida das mulheres. Violência que tem chocado o planeta, mas que no último ano tem aumentado no país.”

**Luciana Boiteux**, advogada, professora de Direito Penal e Criminologia da UFRJ: “Faço apelo para que não foquemos na lógica punitivista. O canto da sereia punitivista, muitas vezes, nos sensibiliza, como se fosse capaz de prevenir ocorrência de delitos. Não! São políticas públicas que previnem delitos. ‘Nem pense em me matar’ diz muito sobre o contexto em que estamos vivendo, vemos o ataque às mulheres como política de Estado do governo de Jair Bolsonaro.”

### **Campanha #NemPenseEmMeMatar**

**Data oficial de lançamento:** 25 de março de 2021

**Link para a live giratória/Evento de lançamento:**  
<https://www.facebook.com/LevanteFeminista2021/live/>

**Conheça o manifesto #NemPenseEmMeMatar:** <http://bit.ly/3vvuIVy>

**Interessado em apoiar financeiramente? Acesse:** <http://bit.ly/2OE7mMS>

**Siga a campanha nas redes sociais:**

**Twitter:** <https://twitter.com/LevanteFem>

**Facebook:** <https://www.facebook.com/LevanteFeminista2021>

**Instagram:** <https://www.instagram.com/levantefeminista/>

**Assessoria de imprensa | Contato para entrevistas e outras informações:**

Andréa Martinelli

**Email:** levantefeministabrasil@gmail.com

**Telefone:** +55 (11) 97336-5414

---

## **Com 25 mil assinaturas, campanha nacional contra o feminicídio é lançada em live giratória nesta quinta**

*O Levante Feminista quer divulgar seu Manifesto, a hashtag #NemPenseEmMeMatar e sensibilizar sociedade para a escalada dos assassinatos de mulheres*

O Levante Feminista Contra o Feminicídio lança oficialmente, nesta quinta-feira (25), a campanha “Nem Pense em Me Matar - Quem mata uma mulher mata a humanidade!”. O evento terá a participação de nomes relevantes do feminismo na América Latina, como

Veronica Gago, do Ni Una Menos, na Argentina, e Sofia Garzon Valencia, de Processo de Comunidades Negras, da Colômbia, e de especialistas brasileiras, como Deborah Duprat, ex-procuradora Federal dos Direitos do

Cidadão.

A live giratória, ancorada por Analba Brazão e Bárbara Heliodora, integrantes do Levante, estará ao vivo a partir das 10h (horário de Brasília), no Facebook da frente. Um dos pontos comoventes será a leitura do Manifesto que norteia a campanha. Em vídeos, brasileiras das cinco regiões destacam trechos do documento, que já conquistou 27 mil assinaturas. É um grito de advertência aos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, para que sejam tomadas medidas que interrompam a matança de mulheres no país.

No evento, também haverá poesia, fala de artistas convidadas e a primeira exibição do clipe do samba composto por Cris Pereira e interpretado pela sambista Fabiana Cozza - ambas se juntaram à luta do Levante. Nasceu dessa canção, a mensagem afirmativa do movimento. A letra diz:

*“Houve um dia, que eu até sentia medo  
Que você chegasse cedo  
Pro meu corpo machucar.  
Mas eu virei o tabuleiro  
Este jogo, companheiro,  
Eu não vou mais aceitar.  
Nem Pense Em Me Matar”*

Fabiana Cozza acredita que a canção tem beleza, assertividade e traz o corpo da mulher como potência de liberdade, afetos e resistência. Todas nós sabemos o que é isso. Temos, por compromisso, ajudar a despertar outras mulheres na direção de seus corpos, de sua integridade física, moral, psíquica, lutando contra a violência, o machismo e o feminicídio.

Entre as participações confirmadas na live, estão: Célia Xakriabá, educadora, referência do povo indígena Xakriabá; Carol Santos, do Movimento Feminista Inclusivas; Leila Linhares, da Cepia e Consórcio da Lei Maria da Penha; Joseanes Lima dos Santos, integrante da Frente de Mulheres do DF e Entorno; além das deputadas federais Maria do Rosário (PT/RS); Lídice da Matta (PSB/BA); Talíria Petrone (PSOL/RJ) e as vereadoras Carol Dartora (PT/Curitiba) e Maria Marighella (PT/Salvador).

Um tuitaço, às 14h (horário de Brasília), vai completar a jornada, espalhando a hashtag #NemPenseEmMeMatar. O objetivo é discutir a necessidade urgente de mudar a cultura patriarcal, romper com o mito de que o homem tem domínio sobre a mulher e não admite que ela diga “não” a um relacionamento abusivo.

Após o lançamento da campanha, que está em ebulição nas redes sociais, os 20 estados participantes farão ações pontuais, organizadas pelas mulheres que vivem e conhecem a realidade específica do feminicídio em cada região. Para isso, foram criados materiais de comunicação com a imagem de girassóis amarelos, símbolo do Levante, que figura como sinal de esperança e celebração da vida.

## **Mais sobre o Levante Feminista contra o Feminicídio**

A articulação para criar o Levante Feminista Contra o Feminicídio foi iniciada por Vilma Reis, socióloga, referência dos movimentos negros no país, integrante da Coalizão Negra Por Direitos, Marcia Tiburi, filósofa, escritora e artista, e Tania Palma, pesquisadora e assistente social. A frente, que rapidamente ganhou corpo, é formada por cerca de 200 feministas. Entre elas, estão mulheres negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, das águas, das florestas, das favelas antiproibicionistas, dos movimentos LBTQIA+ e de outros segmentos das organizações populares e da sociedade civil.

Embora o crime de feminicídio esteja no Código Penal desde 2015, o assassinato de mulheres - apenas por serem mulheres - cresce diariamente no Brasil. No primeiro semestre de 2020, com a necessidade de isolamento social, foi registrado aumento de 1,9% deste crime de ódio\*. Naqueles primeiros seis meses, foram mortas 648 brasileiras, a maioria negras e vivendo em desigualdade social.

No Manifesto, escrito de forma coletiva que já conta com mais de 25 mil assinaturas, a frente pontua de forma contundente que a existência de uma &quot;cultura de ódio&quot;, direcionada às mulheres brasileiras, precisa chegar ao fim, e que a prática do crime de feminicídio nunca esteve tão

ostensiva e extremista” quanto agora, no governo de Jair Bolsonaro. O documento afirma que atitudes misóginas transformaram-se em comportamento aceito e legitimado pela sociedade, contaminando o Executivo, o Legislativo e o Judiciário.

Também denuncia a negligência e inoperância do Estado Brasileiro no enfrentamento à violência contra as mulheres, e traça o perfil dos matadores: “são homens que não admitem a autonomia, a igualdade e a liberdade das mulheres. São machistas, violentos que querem a redomesticação e o afastamento das mulheres da vida pública...”; “usam a violência física, psicológica, moral, sexual e patrimonial contra mulheres e seus filhos até o extremo, que é o ato do feminicídio”.

## **Lançamento**

## **campanha**

### **#NemPenseEmMeMatar**

Data: 25 de março de 2021

Horário: Das 10h às 12h 30min (horário de Brasília)

Transmissão: Página do Facebook do Levante Feminista:

<https://www.facebook.com/LevanteFeminista2021/live/>

Acessibilidade: O evento também terá transmissão por Libras.

Programação: a confirmar.

### **Siga a campanha nas redes sociais:**

Twitter: <https://twitter.com/LevanteFem>

Facebook: <https://www.facebook.com/LevanteFeminista2021>

Instagram: <https://www.instagram.com/levantefeminista/>

Conheça o manifesto #NemPenseEmMeMatar: <http://bit.ly/3vvuIVy>

Interessado em apoiar financeiramente? Acesse: <http://bit.ly/2OE7mMS>

---

# Consórcio Lei Maria da Penha publica nota técnica sobre PLs que propõem alteração no crime de feminicídio

(Themis | 23/03/2021 | Por Redação)

No mês de março, diversos Projetos de Lei (PLs) que propõem alteração no crime de feminicídio entraram na pauta do Plenário da Câmara dos Deputados, sem, no entanto, considerarem os resultados da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência contra as Mulheres, passarem por discussão nas Comissões temáticas ou escutarem o movimento de mulheres e feminista, que desde a década de 70 denunciam e desencadeiam ações para o enfrentamento da violência contra as mulheres.

Preocupado com as alterações propostas e pela possibilidade do Projeto de Lei 1568/2019 ir à votação esta semana, o Consórcio Lei Maria da Penha, integrado pela Themis, em parceria com a Clínica de Direitos Humanos da Uniritter, apresenta [Nota Técnica](#) com análise das propostas que tornam o feminicídio tipo penal autônomo, aumentam a pena e recrudescem o cumprimento da pena, para, ao final, requerer a rejeição dos PLs por não constituírem resposta de política criminal adequada e violarem o princípio da proporcionalidade das penas.

A Nota foi redigida por Carmen Hein de Campos, Cláudia Toigo e Walesca Ollé da Rocha, e teve comentários e contribuições de Ela Wiecko Volkmer de Castilho e de Wânia Pasinato.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---



# Turquia deixa tratado de violência de gênero, e mulheres vão às ruas em protesto

(Folha de São Paulo | 21/03/2021 | Por Redação)

Milhares de pessoas foram às ruas neste domingo (21) para exigir a permanência da Turquia na Convenção de Istambul, um tratado que visa proteger as mulheres contra a violência de gênero, depois que o presidente Recep Tayyip Erdogan retirou o país do pacto internacional no sábado (20).

Criada pelo Conselho Europeu em 2011, [o tratado desagrada os conservadores turcos](#), que o veem como um risco à estrutura familiar tradicional. Além disso, a convenção trata a igualdade de gênero e o combate à discriminação por orientação sexual como princípios fundamentais, o que é visto pela ala conservadora como uma estratégia de promoção da homossexualidade.

A Turquia, que sediou os encontros em que a convenção foi criada e foi um dos primeiros países a assiná-la, é, agora, o primeiro a abandoná-la. O governo não explicou os motivos para a decisão, mas membros do alto escalão do governo Erdogan deram indícios das justificativas.

**[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)**